

GT 07 – Educação de Crianças de 0 a 6 Anos**AS CRIAÇÕES LÚDICAS DAS CRIANÇAS DE UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA/PA**

Shirley Silva do Nascimento (PPGED–UEPA)

Nazaré Cristina Carvalho (PPGED–UEPA)

INTRODUÇÃO

As pesquisas do campo da Educação tem trazido diversos desafios, no que diz respeito às possibilidades interpretativas voltadas aos objetos de pesquisa, ou seja, o aspecto científico ou a validação da produção do conhecimento tem vivenciado novas proposições, no sentido de ampliar os olhares acerca do reconhecimento e valorização dos saberes existentes nas realizações cotidianas dos sujeitos, procurando romper com os princípios do colonialismo, os quais permearam os discursos e a ciência na condição dicotômica, estabelecendo a hierarquização dos saberes.

É pertinente destacar que esta produção teórica congrega esta possibilidade investigativa, uma vez que, se refere a uma dissertação de mestrado, intitulada “Saberes, Brinquedos e Brincadeiras: vivências lúdicas das Crianças de uma Comunidade Quilombola/PA” onde esta se encontra vinculada ao Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado do Pará, especificamente à linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

A pesquisa buscou responder questões de estudo voltadas às vivências lúdicas de dez crianças de ambos os sexos, com faixa etária de seis a doze anos, moradoras da comunidade quilombola Campo-Verde localizada no município de Concórdia do Pará, o qual fica a aproximadamente 60 Km da Capital Belém, uma vez que compartilha-se da tentativa em atender o que aponta a sociologia da Infância, de maneira a realizar uma pesquisa com

crianças, ou seja, promover o enfrentamento das ideologias que insistem em silenciar e negar as mesmas como agentes de suas próprias realizações e história.

A pesquisa remeteu-se a responder - Quais os saberes presentes nos brinquedos e brincadeiras das Crianças da Comunidade Campo- Verde/PA? Assim como, foi norteada por alguns questionamentos, os quais mediaram o processo reflexivo do estudo, como: Quais os brinquedos e brincadeiras vivenciados pelas Crianças da Comunidade Campo- Verde/PA? Quais os saberes culturais manifestados nas relações entre os brinquedos, as brincadeiras e as crianças da comunidade de Campo - Verde/PA? De que forma as crianças da comunidade Campo- Verde/PA vivenciam seus saberes?

O interesse por esta pesquisa justifica-se pela vinculação profissional ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Castanhal (IFPA/ Castanhal), mais especificamente a relação como professora da turma do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação Jovens e Adultos (PROEJA) Quilombola, que permitiu uma aproximação concreta com as comunidades remanescentes quilombolas das proximidades do Município de Castanhal/PA, entre elas a Comunidade de Campo- Verde.

E durante uma atividade acadêmica junto aos alunos da turma do PROEJA Quilombola na comunidade Campo- Verde/PA foi possível presenciar um momento lúdico vivido por algumas crianças, sendo impossível não ser envolvida pelos gritos, risadas e aparente descontração que vinham do fundo do quintal, precisamente em baixo de árvores, onde se agrupavam crianças, adolescentes e adultos, ao redor de um brinquedo construído artesanalmente e adaptado pelas próprias crianças: algo que se assemelhava a um jogo de bilhar.

O jogo de bilhar criado pelas crianças de Campo-Verde era formado, por uma tábua coberta de pano que estava preso por tiras de borrachas de sandálias, divididas por pregos em pares a cada canto que formavam as caçapas. Este brinquedo encontrava-se sobre o tronco de uma árvore, que tinha a função de mesa. As petecas¹, em vez de serem jogadas no chão, eram utilizadas na tábua do bilhar, pois, agora, “eram” bolas de bilhar. Os tacos, para que pudessem ser suficientemente adaptados aos sujeitos que brincavam, eram os galhos de palmas do açazeiro, uma palmeira regional.

O momento acima presenciado instigou o interesse sobre os saberes, que veem sendo elaborados, construídos e/ou desconstruídos pelas crianças desta comunidade quilombola, a

¹ Bolas de Gude

partir do encontro com seus brinquedos e brincadeiras, pois aquela construção que despertou tanto deslumbramento nos seus criadores, por sua vez consiste em um dos desdobramentos da cultura lúdica. Dessa forma, ressalta-se a questão dos saberes culturais, os quais são frutos das experiências de vida, considerando os diferentes aspectos sociais, vinculados ao senso comum, relacionados às vivências do cotidiano (BRANDÃO, 2002, p.22)

A ideia de saber implica na ideia de ser sujeito, na ação do sujeito, na relação do sujeito com ele mesmo, na relação desse sujeito com os outros que constroem, controlam, validam e partilham esse saber (CHARLOT, 2000,p.61)

A pesquisa apresentou como objetivo geral analisar os saberes presentes nos brinquedos e brincadeiras das crianças de Campo Verde do município de Concórdia do Pará. Este artigo consiste em um apanhado sobre algumas reflexões e discussões realizadas no estudo, considerando os pontos principais relacionados, principalmente ao que se propõe a pesquisa.

APONTAMENTOS METODOLÓGICOS: COMPREENDENDO O CAMINHO DA PESQUISA COM CRIANÇAS

Para compreendermos os principais pontos da metodologia traçada neste estudo é interessante fazermos uma reflexão sobre as questões inerentes ao reconhecimento dos intérpretes da pesquisa, visto que, tal recorte demanda esclarecimentos teóricos sobre a compreensão dos mesmos, que serão identificadas no decorrer das manifestações teóricas, as quais são apresentadas neste estudo. Todavia, é pertinente elencar os pilares teóricos que balizaram nosso entendimento sobre o sujeito criança, sem negar os outros envolvimento existentes.

É válido considerar que outros olhares sobre o lugar das crianças nas pesquisas, a partir de outros campos de conhecimento como a história, a sociologia e antropologia, tem permitido que as questões relacionadas às crianças e infâncias em estudos científicos sejam menos redutíveis (ROCHA, 2008,p.43). Diante disso:

Temos muito a aprender e conhecer sobre as crianças tratadas no plural, suas múltiplas infâncias vividas em contextos heterogêneos e temos muito a debater sobre as orientações teórico-metodológicas, quando se trata de pesquisa com crianças (ROCHA, 2008,p.44).

Ao enunciarmos como os interpretes dessa pesquisa as crianças de uma comunidade quilombola do Pará, compartilhamos das questões referendadas por Campos (2008, p.35), uma vez, pretende-se conhecer e priorizar o conhecimento das crianças, a partir das suas próprias vozes e linguagens do brincar, nas quais também são constituídos os seus saberes, que estão presentes nas relações vivenciadas no cotidiano da sua realidade.

Segundo Kramer (2009,p.170) ao mesmo tempo a palavra brincar, conforme os diferentes idiomas (*spillen, to play. Jouer*) – apresenta diversos significados: dançar, praticar esportes, encenar uma peça teatral, tocar um instrumento musical, brincar. Todos eles se relacionam à produção de um sujeito protagonista de suas ações. É a criança que brinca, e ao brincar, reapresenta e ressignifica o que vive, sente, pensa e faz.

Esta afirmação é retomada a partir das falas de algumas crianças que participaram da pesquisa ao serem indagadas sobre o que é brincadeira: “*é boneca (risos); boneco, vasilinha, colherzinha de brincar, pica pau, uma pica pau de mulher e um osso*” (voz da interprete B, uma menina de 06 anos de idade). A outra criança ao responder a mesma pergunta relata: “*jogar bola e brincar; ai eu brinco pular corda e se quebra o touro*” (Voz do interprete C, um menino de 07 anos de idade). Além disso, a brincadeira também pode ser compreendida como “*brincadeira é para o cara se divertir assim por aí*” (voz do interprete A, um menino de 06 anos de idade).

Trata-se de um estudo de campo, pois possibilita que o pesquisador mergulhe na dinâmica da realidade na qual o seu fenômeno investigativo se manifesta, uma vez que o pesquisador pode compartilhar de forma mais completa possível dessa realidade que investiga, participando dos hábitos sociais, dos rituais, das práticas cotidianas, enfim, da cultura que é seu objeto de análise (MARCONDES, 2010, p.28). Segundo Severino (2007, p.123) na pesquisa de campo o objeto/ fonte é abordado em seu meio ambiente próprio.

Ainda busca-se atender aos aspectos da abordagem qualitativa, uma vez que procura buscar por respostas às questões muito particulares, pois considera um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p.12).

Ao nos determos, especificamente ao uso das técnicas de coleta dos dados, é inevitável apresentar algumas situações vivenciadas com as crianças, no sentido de entender a realização e escolha pelas técnicas como: observação; entrevista e roda de conversa. Para tanto, inicialmente, no primeiro dia na comunidade, após a imediata aceitação das crianças em

participarem da pesquisa, percebeu-se que seria possível realizar uma tentativa de conversar com as mesmas.

Este roteiro da entrevista individual seguiu algumas perguntas propulsoras de diálogo, como: 1 - Quais são as brincadeiras que você brinca? 2- De qual brincadeira você gosta mais? 3- Quem ensinou essas brincadeiras para você? Como você aprendeu? 4- O que você sente quando está brincando?

O ensaio exploratório permitiu o reconhecimento de parâmetros de como falar com as crianças, fazendo com que as perguntas fossem mais esclarecedoras possíveis e começasse a adentrar no vocabulário e nas formas de expressões das mesmas. Ainda, foi possível compreender que mesmo não tendo a mesma idade, as crianças com idade de 06 anos não tinham dificuldade em dialogar sobre seus brincares, da sua maneira conseguiam estabelecer suas falas, respeitando o direcionamento das perguntas realizadas.

Além disso, aconteceram mais dois momentos de diálogos direcionados com as crianças de Campo- Verde/PA, sendo a roda de conversa, onde as perguntas propulsoras do diálogo foram organizadas seguindo o mesmo roteiro do momento exploratório individual anterior, pois se buscou perguntar às crianças principalmente sobre suas brincadeiras.

A entrevista individual, somente foi realizada após várias conversas com as crianças, quando já havia a existência de uma relação mais íntima entre nós, assim como se observou, durante a rotina das crianças e a partir de relatos anteriores destas a viabilidade da realização desta técnica de coleta, levando-se em consideração também o nível de compreensão de cada interprete do estudo.

O roteiro utilizado para este momento de campo obedeceu às seguintes perguntas:

01 – O que é jogo? 02 – O que é Brincadeira? 03 – O que é brinquedo? 04 – Existe algum brinquedo que você constrói? Qual? 05 – Quais os espaços que você brinca? 06 – Com quem você brinca? 07 – você já ensinou alguma brincadeira para alguém? Qual? 08 – você brinca no rio? Por quê? De que? 09 – você brinca na mata? Por quê? De que? 10 - você brinca no ramal? Por quê? De que?

É válido destacar que para conseguir este momento reservado com as crianças foi preciso agir estrategicamente, “roubando” alguns momentos oportunos durante o dia inteiro, procurando construir possibilidades. Como por exemplo: enquanto algumas crianças brincavam e alguma criança estava desmotivada para a específica brincadeira, era o momento para uma aproximação, ou quando as crianças de certa forma estavam separadas em pares, outra situação interessante foi na hora do retorno de um passeio no rio, pois as mesmas

vinham correndo buscando chegar uma na frente da outra, dessa maneira, aproveitando as situações de dispersão temporária, foram construídos os diálogos.

É importante frisar que durante todo o período de permanência na comunidade os diálogos com as crianças eram inevitáveis, no entanto, pontuamos acima os momentos formalmente metodológicos da pesquisa, o que ao mesmo tempo não invalida as outras aproximações, as quais serão rerepresentadas em outros espaços deste texto.

A entrevista é uma possibilidade de interação, onde o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam (SEVERINO, 2007, p 124). Dessa maneira, ao considerar a pesquisa com crianças percebe-se que enquanto procedimento metodológico deve ser reorganizado de maneira a possibilitar uma melhor interação com os interpretes da pesquisa, por isso faremos a roda de conversa, de forma a entrevista as crianças de uma maneira mais espontânea e participativa.

A técnica da observação foi utilizada na pesquisa, procurando registrar os brinquedos e brincadeiras vivenciados pelas crianças da comunidade de Campo-Verde do município de Concórdia do Pará, de maneira direcionar o olhar para os saberes existentes nos brinquedos e brincadeiras das crianças. Assim justifica-se o uso da observação diante do que apresenta Severino (2007, p.125) no que diz respeito ao entendimento de que a observação perpassa por toda pesquisa, desde o contato com objeto de estudo. Esta observação pautou-se nos aspectos como: do que brincam as crianças; com o que brincam; onde brincam; quando brincam; com quem brincam, procurando interpretar os saberes que perpassam por tais elementos.

Além disso, realizou-se como procedimento metodológico colaborativo a exposição dos brinquedos das crianças, ou seja, momento o qual reservamos para que as mesmas pudessem levar os seus brinquedos ou demonstrar como produzem tais objetos, quando os mesmo são oriundos de suas criações.

Assim, de maneira a fomentar a fala das crianças sobre suas vivências lúdicas, sendo que, o mesmo caracterizou-se como um momento coletivo, o qual foi bastante interessante, pois cada criança pode presenciar a construção de brinquedos e conhecer os brinquedos dos outros, assim como, foi interessante perceber as relações entre as mesmas diante dos objetos lúdicos e entre si.

Os dados ainda estão sendo interpretados a partir da análise de conteúdo. Essa proposta procura descrever, analisar e interpretar as mensagens e enunciados de todas as formas de discursos, procurando conhecer e elencar o que está por detrás das palavras e das diferentes maneiras de expressar a comunicação, ou seja, volta-se para compreender o que existe por detrás das linguagens do sujeito. Os discursos podem ser obtidos através das

diversas formas de comunicação e interlocuções, como também, de maneira direcionada por meio da realização de entrevistas e depoimentos. Dentre os autores que escrevem sobre esta proposta de análise, de acordo com Severino (2007, p.122) é possível recorrer a Bardin (1979) e Franco (2003).

Os aspectos éticos da pesquisa foram mantidos obedecendo à resolução 196/96 Organização Mundial da Saúde. Assim, enunciamos que esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética, resguardando os princípios científicos ao propormos pesquisa com crianças. As crianças serão identificadas especificamente, neste texto como intérpretes “A” e assim sucessivamente obedecendo à ordem alfabética de acordo com o total de 10 participantes.

Portanto, neste trabalho apresentaremos alguns apontamentos, a partir das análises parciais dos dados do estudo, sendo principalmente elucidadas as falas das crianças sobre as manifestações das criações lúdicas, sem desmerecer as interpretações voltadas aos saberes existentes, considerando as observações realizadas. As discussões do estudo serão escritas abaixo procurando manter constantemente o diálogo entre as crianças e os referenciais teóricos, no sentido de caminhar ao encontro das questões levantadas na pesquisa.

SABERES, CULTURAS E BRINCADEIRAS: A (S) CRIAÇÃO (S) LÚDICA DAS CRIANÇAS DE CAMPO- VERDE/PA

O ser humano a partir das suas relações do aprender a viver, assim Brandão (2002, p.19) enuncia, é um ser que se constrói numa manifestação não apenas do viver e do sentir de maneiras isoladas, pois o sujeito se sente sentindo juntamente com os outros seres da vida. No entanto, nós nos pensamos sabendo e nos sabemos pensando e assim aprendemos a nos saber sabendo na relação entre o mundo e as outras pessoas. E dessa forma, criamos e recriamos natureza no nosso cotidiano (BRANDÃO, 2002. p 19-20).

A relação entre a cultura, educação e os saberes é observada quando consideramos que o sujeito, e os sujeitos entre tantas integrações e interações são transformados e transformadores de sentidos e significados, para tanto se entende: “O que importa é a nossa capacidade e também a nossa fatalidade de atribuímos significados múltiplos e transformáveis ao que fazemos, ao que criamos, aos modos sociais pelos quais fazemos e criamos e, finalmente, a nós mesmos significados” (BRANDÃO, 2002, p.23).

As crianças de Campo- Verde/PA atribuem significados às suas vivências, os quais fazem com que as mesmas possam expressar aquilo que compreendem como brincadeiras e as

práticas referentes a essa ação, pois durante o cotidiano e as relações estabelecidas consigo, com o outro e com o contexto os brinquedos e brincades são identificados.

Se por um lado o “brinquedo é para cara se divertir” (Voz do interprete A, um menino de 06 anos de idade) Por outro este objeto apresenta uma representatividade: “brinquedo? Carro, e moto e bola” (voz do interprete C, uma criança de 06 anos). “Sendo, também: “hum! vasilinha; brinquedo é vasilinha; colherzinha” (Voz da interprete D, uma menina de 08 anos). Ainda “é um negocio que a gente brinca toda vez que a gente quer” (voz do interprete I, um menino de 11 anos de idade).

A partir das vozes de algumas crianças de Campo- Verde percebemos que os significados atribuídos aos objetos que o fazem ser compreendidos como brinquedos perpassam pela relação vivida da criança, ou seja, suas experiências lúdicas, que alimentam a compreensão sobre a vivência e os elementos que a constituem, bem como as sensações que transitam durante interação com o brinquedo, sendo mantida a espontaneidade pela busca da diversão.

As brincadeiras vivenciadas pelas crianças dessa comunidade são diversas, evidenciando a riqueza do repertório lúdico desses interpretes, sendo interessante destacar que o grupo participante da pesquisa traz uma cumplicidade lúdica, ou seja, independente da idade, o grupo apresenta uma rotina em comum, e a relação da convivência por serem vizinhos e familiares entre si, de maneira geral, fomenta o compartilhamento dessas vivências, visto que foi observado que todas as crianças conheciam ou já brincaram dos tipos de brincades que foram identificados pelas mesmas. No sentido de garantir a visão geral sobre as brincadeiras relatadas e vivenciadas pelas crianças de Campo- Verde/PA apresentaremos o quadro ilustrativo abaixo, respeitando o que as crianças contaram sobre os seus brincades.

Quadro 1- Nome das brincadeiras relatadas pelos intérpretes da pesquisa

Intérpretes	Nome das Brincadeiras
A (Menino de 06 anos de Idade)	bola, pira, pira garrafa, pira se esconder, vídeo game.
B (Menina de 06 anos de Idade)	boneca, passará, fui a feira comprar café, sapatinho branco, pira, correr.
C (Menino de 07 anos de Idade)	se quebra o touro, pira ajuda, jogar bola, pula corda. pira coca.
D (Menina de 08 anos de Idade)	pira, pira esconde, bola, subir nas árvores, boneca, pira cola.
E (Menina de 08 anos de Idade)	pira, boneca, bola, roda, vídeo game

Intérpretes	Nome das Brincadeiras
F (Menino de 09 anos de Idade)	bilhar, jogar bola, pira, se quebra o touro, pira garrafa, fufu, cemitério.
G (Menina de 09 anos de Idade)	boneca, comidinha, bola, pira, se quebra o touro, de pular corda, sapatinho branco.
H (Menino de 10 anos de Idade)	bola, baralho, balar.
I (Menino de 11 anos de Idade)	bola, pira, pira garrafa, policia e ladrão.
J (Menino de 12 anos de Idade)	futebol, amarelinha, queimada, vôlei

É interessante mencionar que as brincadeiras acima apresentadas foram ditas pelas próprias crianças durante as conversas realizadas na pesquisa, no entanto é pertinente destacar as vivências lúdicas observadas no período de permanência na comunidade como: virar carambola; cantigas de roda; teco teco; saltar da ponte no rio, andar de canoa no rio, quem consegue ficar mais tempo com a cabeça em baixo da água, de baralho, pira alta, casinha, bole, bole, peru, cantar, dançar e bandeirinha as quais, mesmo não sendo mencionadas fazem parte do cotidiano lúdico das crianças.

Se o desejo, como apresenta Charlot (2000, p.54) é a condição essencial para fazer-se educação, neste movimento de buscar a ser, que se constrói com o outro e com o mundo, através das produções de brinquedos e brincadeiras, as crianças de Campo- Verde/PA também fazem educação. É possível perceber está relação na fala de algumas crianças, ao serem perguntadas sobre o que sentiam quando estavam brincando, visto que disseram: “*sinto pra mim não bater nos outros, não chutar, se chutar perde, sempre tá!*” (Voz da interprete B, uma menina de 06 anos de idade). A outra fala também nos remete ao mesmo entendimento “a não bater, a não jogar pedra (risos)” (voz da Interprete E, uma menina de 8 anos de idade).

E nesse processo educam-se e educam o outro, o interprete C fortalece essa compreensão ao dizer que “*porque brincar aprende*” (Voz de um menino de 07 anos) sendo que uma vez que o desejo lúdico promove o movimento da busca pelo prazer realizado pelas relações dos saberes da ludicidade, diante da realidade e alternativa que se apresentam, onde da mesma forma, são considerados nesse processo exploratório pelas crianças como alternativas do brincar e do que poderá vir a ser este brincar.

As relações lúdicas trazidas no contexto deste estudo voltam-se ao conceito de cultura debatido por Geertz (2012, p. 04) “o homem é um animal amarrado a teias de

significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise [...] como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”.

É importante retomar o objeto de pesquisa desta produção teórica, visto que, o mesmo perpassa pelas construção e manifestação da ludicidade das crianças, dessa forma, o mesmo se refere aos saberes culturais, os quais estão mergulhados nas vivências locais dessas crianças, haja vista, que a relação do saber de acordo com Charlot (2000) se realiza justamente nesta interação dos indivíduos uns com os outros, consigo mesmo e com o próprio contexto.

O trecho dessa conversa retoma esta afirmação do autor - Pesquisadora: *o que você aprende quando está jogando bola? “sinto vontade de saber”* (Voz do interprete I, menino de 11 anos de idade) consistindo em um processo dinâmico de transformação e significados, onde os mesmos são motivados pelas necessidades dos sujeitos que os vivem.

Apesar de termos conhecido algumas brincadeiras vivenciadas pelas crianças é preciso adentrar também no universo dos brinquedos, o qual é marcado fortemente pelo processo da criação, onde Vygotsky (2009, p.09) compreende como sendo toda a realização responsável pela criação de qualquer coisa de novo, quer corresponda aos reflexos deste ou daquele objeto do mundo exterior, quer a determinadas construções do cérebro ou do sentimento que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano.

Diante disso, focaremos neste artigo no que diz respeito aos brinquedos, apenas aos criados pelas próprias crianças, no entanto não desconsideramos que as mesmas tenham brinquedos de outra origem, mas buscaremos alimentar este debate sobre as atividades criativas, considerando a resignificação atribuídas aos objetos presentes na realidade, considerando as relações existentes nas brincadeiras, haja vista, que isto será fundamental para compreendermos os saberes que perpassam nas vivências lúdicas desses intérpretes.

Para alimentar teoricamente esta compreensão sobre a criação é preciso entender as ideia de que:

As crianças, em suas tentativas de descobrir e conhecer o mundo, atuam sobre os objetos e os libertam de sua obrigação de ser úteis. Na ação infantil vai se expressando, assim, uma experiência cultural onde ela atribui significados diversos às coisas, fatos e artefatos. Como um colecionador, a criança busca, separa objetos de seus contextos, junta figurinhas, pedaços de coisas, brinquedos velhos, lembranças, presentes, fotografias [...] Os gestos, as falas, as ações sobre cada elemento são provisórios e em constantes recriações. Histórias são tecidas com fios que nem sempre seguem a linearidade dos adultos (KRAMER, 2009, p.171).

Para buscar garantir uma visão geral sobre este repertório das crianças sem desmerecer suas falas organizaremos as informações em um quadro correspondente as vozes dos interpretes em relação seguinte pergunta: Existe algum brinquedo que você sabe construir? Qual?

Quadro 2 – As “vozes” dos intérpretes da pesquisa referentes às suas criações de brinquedos

Intérpretes	“Vozes” dos Interpretes
A (Menino de 06 anos de Idade)	<i>“Sei, sei fazer carro, só carro; sei fazer carro de latinha, eu acho a roda eu só furo um buraco, pego um pau e meto por lá e coiso um buraco na roda e só. E daí pronto; a latinha é de sardinha; a roda é de tampa de garrafa”</i>
B (Menina de 06 anos de Idade)	<i>“humhum, movimentando a cabeça negativamente”</i>
C (Menino de 07 anos de Idade)	<i>“sim, movimentando a cabeça; de lata; é de roda de coisa de sandália”</i>
D (Menina de 08 anos de Idade)	<i>“sei ; fazer um boneco; de pano”</i>
E (Menina de 08 anos de Idade)	<i>“Eu? Deixa eu ver! sei; um de, um de coisa de sardinha; : eu faço um carro”</i>
F (Menino de 09 anos de Idade)	<i>“Sei, faço revolver de folha de bananeira, barquinho de casca de cacau e o fufu, bilhar”</i>
G (Menina de 09 anos de Idade)	<i>“Nunca, um dia eu trouxe barro de lá da beira, ai branco, Cleiton só fez vasilhinha de barro pra mim”</i>
H (Menino de 10 anos de idade)	<i>“Baladeira,eu tenho uma lá em casa só que, eu deixei o coro dela, a senhora viu aquela que tem um coro? eu deixei lá no retiro o couro dela, só que ela ta amarrada , ai eu só desmanchei; eu faço, a senhora sabe aqueles carrinhos de lata?; é um carrinho de lata que a gente pega a lata de sardinha ai fura lá na frente e aqui atrás; eu faço tem vez de vidro, o carrinho, de vidro mas só que não é vidro de coisa é vidro de plástico; é só o que eu faço; eu faço revolvinho, tem vez de folha de banana, que eu faço, de , tem vez que eu faço de pau mesmo.”</i>

I(Menino de 11 anos de Idade)	<i>“Sei; arma, flecha, um carro e esqueci os outros”</i>
J(Menino de 12 anos)	<i>“Construo; bilhar, é coisa, é carrinho; fufu deixa eu ver, todos esses brinquedos eu faço”</i>

A convivência com as crianças de Campo- Verde/PA permite que façamos referência à afirmativa acima, uma vez que, a atividade criadora desses intérpretes também foi manifestada pela resignificação de outros objetos, os quais por vezes foram matéria prima para a criação dos brinquedos, pois foram interpretados como o próprio.

Nesse sentindo, nos referimos aos copos descartáveis utilizados como peças para montar um grande castelo, as quais são equilibradas e sobrepostas, a folha da bananeira que tornou-se uma saia; o mato que se torna “comidinha”; os tijolos reunidos que representam uma cama, a casca de frutas regionais como cupuaçu e caju que virão pequenos barcos, a manga de uma blusa a qual vira uma máscara, resguardando uma identidade, o cipó que é transformado em uma corda para ser pulada.

“A brincadeira da criança está, em parte, ligada aos objetos lúdicos de que ela dispõe” (BROUGERÉ, 2008, p.57). Dessa maneira, complementando dialogamos com as considerações de Oliveira (2010, p. 06) ao abordar que “A prática manual também requer conhecimento, habilidade, talento e criatividade [...] sem falar que o próprio ato criativo torna-se, nesse caso, também um ato lúdico.”

Ao considerarmos as crianças como agentes de suas criações compreendemos que seja preciso voltar-se cada vez mais a escuta de suas vozes. Então elucidamos o trecho de uma conversa com uma das crianças, no entanto o outro intérprete voluntariamente participa da conversa, mesmo sem ter sido formalmente convidado, tendo ainda a participação do intérprete F interruptamente, sobre a criação do jogo de bilhar, brinquedo que demarcou o início desta pesquisa.

Pesquisadora: *O que vocês vão fazer agora?*

Intérprete A: *bilhar.*

Pesquisadora: *E o que é preciso pra fazer? Com o que vocês fazem?*

Intérprete A: *O cara logo pega um pauzinho.*

Intérprete J: *Precisa de borracha.*

Intérprete A: (repete): *Borracha.*

Intérprete A : *E umas bolas.*

Intérprete J: *Peteca.*

Intérprete A : *E um pauzinho pro cara rebater.*

Intérprete J: *Ainda tem mais coisa aí.*

Pesquisadora: *O que mais?*

Intérprete A: *Ainda falta um ovo de galinha” (brincando)*

Intérprete J: *Prego ((ri))*

Pesquisadora :*Prego , deixa o interprete J falar!*
 Pesquisadora :*O que mais Intérprete J?*
 Pesquisadora :*O material pra fazer, o que é Intérprete J? Vamos lá que eu vou marcar aqui!*
 Intérprete J: *Borracha, peteca, prego ,é ,o coisa, o taco, e o pano.*
 Pesquisadora: *E do que é feito o taco?*
 Intérprete F (interrompe) :*de açazeiro.*
 Intérprete A : *É um negocio igual um campo assim.*
 Intérprete J: *De madeira, de coisa tipo folha de açazeiro, de qualquer coisa!*
 Intérprete A: *O cara só pega um pau assim.*
 Intérprete A: *Lá em casa tem um pau de taco.*

Em um momento anterior a este o intérprete F também descreve este jogo de bilhar, mas da mesma forma é interrompido pelas intérpretes D e G que tentam colaborar sobre a descrição do brinquedo.

Intérprete F: *Pega uma tabua, mas que tamanho vocês quiser , depois pega um pano cobre por cima.*
 Intérprete D: *E prega.*
 Intérprete F: *Depois pega uma ou duas ou três bandas de sandália*
 Intérprete D: *E prega.*
 Intérprete F: *Senhora corta a ponta da sandália aqui a outra , só tira a alça.*
 Intérprete G: *Ai faz o buraco pra cair a pedrinha*
 Intérprete F: *Mas ta velha, prega um aqui deixa o buraco aqui, prega um aqui deixa o buraco aqui, prega outra aqui e deixa o buraco aqui, prega outra aqui e deixa o buraco, prega outra aqui e prega outra aqui.*
 Intérprete D: *Ai !daí !O cara só pega a pedrinha e o cara brinca.*
 Intérprete G: *Pega um pau.*
 Intérprete F: *Depois é só fazer uma roda assim.*
 Intérprete G: *Pra colocar a pedra, a gente pega um monte de pedrinha faz um coisa assim de pedrinha, ai pega um pau e bala.*
 Pesquisadora: *Mas isso é o que é o Bilhar?*
 Todos os intérpretes: *é.*
 Pesquisadora :*E o que é bala?*
 Intérprete D: *É uma petequinha que meu mano tem. É verde, branca.*
 Intérprete G: *De todas as cores.*

Ainda se percebeu, durante a permanência na comunidade Campo- Verde, ao testemunhar alguns momentos de criações dos brinquedos realizadas pelas crianças, que não podemos ter a intenção em fazermos uma leitura comparativa em relação ao quantitativo de brinquedos produzidos por cada criança, uma vez que, esta atividade criadora, assume seu aspecto particular e público ao mesmo tempo.

As vozes acima nos remetem a entender que por mais que algumas crianças não tenham concretizado as ações na criação, propriamente dita, de algum brinquedo, observou-se que participam do processo de criação, visto que, de alguma forma sempre sabem falar sobre o brinquedo criado relatando as etapas e materiais utilizados, pois também vivenciam coletivamente o objeto lúdico construído.

Diante disso recorreremos a Vygotsky (2009, p. 35-36) :

Todo o inventor, por genial que seja, é sempre produto da sua época e do seu ambiente [...] a obra criadora constitui um processo histórico consecutivo no qual cada nova forma se apoia sobre as anteriores. Como diz Ribot: [...] por muito individual que pareça, toda a criação comporta sempre em si um coeficiente social. Neste sentido, não há invenções individuais na acepção estrita da palavra: em todas elas existe sempre uma colaboração anônima.

A abrangência de todas as criações e resignificações presenciadas e observadas durante a pesquisa não poderiam ser abordadas neste artigo, devido às exigências estruturais do texto, no entanto não poderíamos deixar de elencar algumas criações, visto que é fundamental explicitar essa tessitura lúdica das crianças, as quais no cotidiano na realização dos seus brincares, move saberes e é o próprio movimento do saber, de um saber construído e manifestado pelo sua intencionalidade lúdica, a qual cria e atribui significado e por ora o significado reintera a existência da ludicidade, que abrange pensamentos, sentimentos, contextos, cenários, sujeitos e natureza.

As crianças são sujeitos de saberes, uma vez que ao brincarem e construírem seus brinquedos elaboram suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo, em uma realização exploratória de tudo que possa ser ressignificado pelo seu desejo lúdico, seja individualmente ou coletivamente, partilhando as experiências da criação e validação das ações da ludicidade com os outros, as quais são movidas pelos conflitos e acordos do momento, que são mediados pela vontade de brincar.

Ainda se é interessante explorar outros saberes que se materializam nessa ação lúdica como o saber do reaproveitamento de objetos, visto que muitas vezes as crianças se apropriavam de elementos descartados, inclusive alguns eram retirados do lixo: lata de sardinha, garrafas acetona, cascas de frutas, os quais podem ser caracterizados de maneira geral como saberes ambientais. Outro saber identificado é voltado aos saberes do compartilhar, uma vez que, esses intérpretes vivenciam de maneira coletiva, predominantemente, as ludicidades.

Além disso, é possível destacar o saber da improvisação, visto que algumas brincadeiras como “se quebra o touro” exige uma construção de rimas, ou combinações de palavras improvisadas, visto que estão sempre associadas a algum tipo de árvore que fica a critério da criança que representa o touro. Ainda se destaca o saber da interpretação, pois as crianças ao brincarem de casinha ou terem alguma relação com brinquedos que exijam ou

motivem a interpretação de personagens as crianças externalizam diferentes papéis, reintegrando imaginação e realidade por meio de expressões sonoras e gestuais.

Ainda percebe-se o saber do ensinar, pois a todo instante as crianças aprendem entre si, seja com a escuta de experiências dos demais, seja observado as ações e comportamento dos outros, diante de uma situação, seja presenciando a criação envolvida na manifestação da realidade. O saber do cuidar, visto que as crianças demonstraram constantemente, inclusive em suas falas, o conhecimento existente voltado aos perigos e cuidados que precisam ter durante as brincadeiras e locais selecionados para brincarem.

Sendo que, o terreiro, o campo de futebol, o rio, a mata e o ramal (estrada de chão) são os principais cenários das brincadeiras das crianças, assim é preciso ter cuidado consigo e com os demais, evitando possíveis acidentes e situações de vulnerabilidade enquanto brincam. No entanto existem, outros espaços do brincar, isso é evidenciado quando perguntamos às crianças sobre os lugares onde realizam seus brincares. As vozes então afirmam:

“No campo, no ramal, no terreiro de casa e nos terreiros das casas dos outros; nos terreiros brinca de vôlei, de bola” (Intérprete A);
“No mato, lá no retiro da vovó; na coisa tem um caminho que vara numa casinha velha igual aquela uma ali ai nos brinca só lá” (Intérprete B);
“Hum! Lá no campo; e lá na escola; só isso” (Intérprete C);
“Hum! De brincar ?Debaixo das arvores” (Intérprete D)
“La em casa, no terreiro, no mato, mas num lugar que não tem muito mato assim; em baixo de uma barraca, embaixo do retiro” (Intérprete E);
“No rio, no retiro, na sede, no campo, no pátio da casa” (Intérprete F);
“Quando a sede ta limpa nós brincava pra li; ali na casa da intérprete D” (Intérprete G);
“Eu brinco lá dentro de casa; tem vez que eu brinco na casa da vovó, só lá, no terreiro tem vez” (Intérprete H);
“Aqui no campinho aqui e lá pra casa” (Intérprete I);
“Ai no campo e pra li pra sede; acho que é só e quando eu vou pro rio com os moleques” (Intérprete J).

O saber da criação, o qual perpassa pelas mais expressivas relações imaginativas que se concretizam nas diferentes possibilidades de vivências e exploração dos contextos, bem como da elaboração de um produto para compor seu repertório lúdico, permitindo uma constante teia de significados e ressignificados diante do “objeto”, do espaço, de si e dos outros. O saber do trabalho que é desmembrado desse processo criativo como destaca Oliveira (2010, p.26) “Na feitura dos brinquedos, trabalho e satisfação não estão divorciados. Esta é outra lição aparentemente esquecida: quantos não gostariam de poder agregar o lúdico em seu fazer?”

A pesquisa encontra-se em finalização, no entanto existe a compreensão de que os saberes presentes nas relações entre os brinquedos e as brincadeiras das crianças de Campo-Verde/PA não estão restritos a uma possibilidade de saber, mas na interação desses saberes, a qual permite a emergência de novos saberes, que não poderão ser detalhados neste momento, entretanto, é possível perceber que existe uma teia de saberes costurada nas expressões lúdicas desses intérpretes, onde o processo criativo e imaginativo alimentam os sentidos e significados dessas práticas culturais.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste estudo trazemos as crianças e suas brincadeiras, sem desmerecer a atividade criadora que transita nessas realizações, enfatizando os saberes presentes, os quais assumem diferentes desdobramentos neste contexto. Para tanto, encontra-se um esforço teórico, no sentido da valorização dos saberes vivenciados pelas crianças durante a manifestação da própria essência lúdica e das suas vozes, procurando assegurar as interpretações dos seus próprios criadores.

Os brinquedos produzidos pelas crianças da comunidade quilombola de Campo-Verde/PA também trazem os sentidos e significados daquele contexto e do momento vivido. Momento esse que não pode ser compreendido de maneira aleatória, mesmo sendo espontâneo, pois é possível perceber que elas, as crianças, criam e recriam os objetos alternativos do seu cotidiano, a partir dos desejos do brincar, portanto nesta relação lúdica existe o dinamismo constante entre os sentidos e os significados atribuídos às realizações da ludicidade e dos saberes.

Portanto, a aproximação e escuta das crianças de Campo-Verde/PA foi fundamental para perceber as teias lúdicas construídas por estes intérpretes e as trocas de saberes presentes nas manifestações dessa ludicidade. Ainda foi possível entender que as realizações das brincadeiras não acontecem de maneira linear, pois as relações entre a vontade de brincar das crianças, os brinquedos e a criatividade das mesmas garantiram o dinamismo, a cumplicidade e a diversidade dessa cultura lúdica.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o Saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GIL, Antonio.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

KRAMER, Sonia. Criança e adultos em diferentes contextos: desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria. C.S. **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARCONDES, Maria.I. A observação nos Estudos de sala de aula e do cotidiano escolar. In: MARCONDES, Maria et al (Orgs.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010.

MINAYO, Maria. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. IN: MINAYO, Maria (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Paulo.d. **O que é brinquedo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

ROCHA, Eloisa. A.C. Por Que Ouvir as Crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar In: CRUZ, Silvia.H.V. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

SEVERINO, Antonio.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

VYGOTSKY, Lev. **A imaginação e a arte na infância**. Relógio D'água Editores, janeiro, 2009.